



Artigo Original

Estimulando Gêneros ou Meninos e Meninas no Ensino Fundamental?

Stimulating Genders or Boys and Girls in Primary Education?

Carla Bianchessi¹

Luis Gabriel Osório¹

Pamela Schuartz Caviquioli¹

Altair Argentino Pereira Júnior²

João Derli de Souza Santos²

¹ Licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário de Brusque - Unifebe

² Professor Doutor do Centro Universitário de Brusque - Unifebe

Resumo: O presente estudo foi realizado sobre gênero na infância e gênero na escola. Foi realizada uma pesquisa de campo, com o objetivo de verificar se os alunos nas aulas de Educação Física realizam as atividades de forma mista ou separada. Este estudo foi realizado em uma escola municipal situada no município de Brusque – SC. O assunto abordado foi estimulando gêneros ou meninos e meninas no Ensino Fundamental? O que instigou a escolha foi à escassez sobre o assunto gênero, tendo uma pesquisa de campo com os alunos e a opinião deles sobre a prática de determinado esporte. A pesquisa caracterizou-se como do tipo descritiva, de caráter quanti-qualitativa. Utilizou-se como instrumento um questionário aplicado com os alunos. Os alunos possuem grande parte de suas aulas práticas de forma mista, o que vem colaborar para não haver uma desigualdade entre os sexos, não desenvolvendo uma visão de que meninos e meninas precisam ser tratados de forma diferentes perante a sociedade. Finalizou-se esse estudo dando ênfase que a Educação Física escolar é de suma na construção e percepção individual sobre as questões de gênero

Palavras-chaves: Infância; Gênero; Educação Física; Esportes.

Abstract: With the present study was conducted a survey on gender in childhood and gender in school. It was also carried out a field research to verify whether students in physical education classes perform the activities of mixed or separately. This study was conducted in a public school located in the city of Brusque - SC. The subject matter was Early Years: stimulating genres or boys and girls in elementary school What driven the choice was the lack on the gender subject leading a field research with students and their opinion on the practice of a particular sport. The survey was characterized as a field research descriptive, qualitative character. The instruments used in this study was a questionnaire applied to the students. The students have great part of their practical classes of mixed way, which comes together to be no gender inequality, not developing a vision that boys and girls must be treated in different way in society. This study was concluded emphasizing that Physical Education in school is of utmost importance in the construction and individual perception on the issues of gender

Keywords: Childhood; Gender; Physical Education; Sports.

1. Introdução

A presente pesquisa destaca a importância de analisar como os professores de Educação Física no Ensino Fundamental vêm ministrando suas aulas, se eles segregam os gêneros na realização da prática, e a visão dos alunos referente a determinados esportes praticados por meninos e meninas. Sabe-se que as aulas de Educação Física são de extrema importância, elas devem assumir um papel de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, assim, formando um cidadão que irá produzir reproduzir e transformar quem vai usufruir do esporte, das atividades rítmicas, dança, ginástica e práticas de aptidão física em benefício da qualidade de vida. Porém, será isso mesmo que ocorre ou se está criando uma sociedade em que meninas não podem jogar bola e meninos não podem dançar¹?

Apesar de o conceito gênero ser uma preocupação para muitos estudiosos, ele não possui

apenas uma única compreensão. Mas este assunto apenas despertou a curiosidade sobre sua teoria no fim do século XX. Então como surgiu a denominação gênero? A palavra vem do latim *generare*, que significa gerar, raça ou tipo. O termo gênero é como “um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta”, e vem “explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais ‘homens’ e ‘mulheres’ são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo”².

O termo gênero vem ser “como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos”³. Há diferentes definições quando se fala em gênero, porém sempre há uma concordância entre elas. Os significados modernos sobre gênero se enraízam na observação de Simone de Beauvoir de que “*não se nasce mulher*” e nas condições sociais do pós-guerra que possibilitaram a construção das mulheres como coletivo histórico, sujeito em processo”²

Uma vez que só se pode pensar em discutir as construções de gênero a partir do momento em que encontramos diferenças e/ou desvantagens de um sexo em relação a outro, também não podemos deixar de articulá-la a outras categorias, tais como classe, idade, religião, orientação sexual e raça ³

É importante olhar a questão do gênero durante as aulas de Educação Física. No Brasil até o início da década de 80, os estudos “sugeriam à separação dos sexos e a distribuição dos mesmos em função dos esportes e brincadeiras”. Foi somente na década de 90, que se encontraram materiais que debatiam sobre o contexto cultural e social, que criticavam a discriminação na qual as aulas de Educação Física se baseavam⁴.

O tema gênero, quando relacionado às aulas de Educação Física leva a ter muitas discussões, pois as diferenças entre homens e mulheres não são apenas físicas ou sexuais.

Como construção social do sexo, gênero foi (e continua sendo) usado, então, por algumas estudiosas, como um conceito que se opunha a - ou complementava a - noção de sexo e pretendia referir-se aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscrevia sobre o corpo sexuado. [...] Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (LOURO, 2007, p. 67). 5

As relações de gêneros podem ser observadas de diferentes maneiras, seja por meio de determinadas preferências, comportamento ou características comportamentais consideradas dominantes e adequadas para cada um.

Quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujar, não suar ⁶.

Quando se trata do feminino, normalmente é esperada delicadeza, resultando em grande parte das mesmas dificuldades em algumas habilidades motoras, já o masculino é esperado virilidade, isso com o decorrer do tempo vêm acarretar em uma “antialização das meninas”, lentidão ou descoordenação ao estar realizando exercícios físicos⁷.

Evidentemente estamos diante de uma questão muito maior do que uma mera ocorrência em aula de Educação Física. As meninas não se sentem ‘antas’ somente nas aulas, mas também quando realizam atividades físicas nas suas horas de lazer. Estamos diante de um fato social, pontuado por uma história cultural que delegou às meninas brasileiras a condição de ‘antas’ quando realizam atividades que exigem força, velocidade e destreza ⁷.

Levando em conta que a distinção de sexo nas aulas de Educação Física é muito presente em algumas escolas, não se encontra justificativa para tal iniciativa, afinal, as aulas não têm geralmente o objetivo esportista, ou seja, não levam em consideração rendimento e técnica, mas sim a vivência dos alunos.

É na escola que as crianças em sua maioria, aprimoram a fala e aprendem a escrever, então é na escola que se devem concentrar as maiores transformações nas questões que envolvem o gênero. Mas para que essa transformação seja possível, a educação de meninos e meninas deve ocorrer em todos os espaços sociais, pois a Educação Física em um contexto escolar constitui um campo, onde, por excelência, acentuam-se as diferenças entre homens e mulheres⁸.

Diante dessas circunstâncias, percebe-se como as aulas de Educação Física influenciam não apenas no ambiente escolar, mas também no meio social em que vivem essas crianças.

É fundamental analisar os estereótipos dentro do meio social, já que eles são compartilhados por um grande número de pessoas e organizados por meio da interação entre grupos sociais. Isso comprova que o meio em que o indivíduo está inserido influencia em suas ideologias e comportamentos⁹.

Não é fácil romper com modelos prevaletentes, principalmente porque no seio da família foram usados métodos altamente eficientes para produzi-los. Temos nela um formidável processo de 'programação' dos pequenos atores sociais: Meninos agressivos, ativos, rebeldes x Meninas meigas, passivas, suaves.¹⁰

Ao falar sobre a questão de gênero no âmbito escolar, é importante que os sentidos estejam afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. "Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados - portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas"¹¹.

As pesquisas sobre gênero e educação mostram que as instituições escolares, por meio de regimentos, organização dos espaços e da distribuição do tempo, constituem importantes espaços para a formação de crianças e jovens. "As crianças aprendem o sexismo na escola ao se defrontar com a hierarquia do sistema escolar, onde os papéis feminino e masculino estão determinados"¹².

Diante disso, pode-se dizer que o âmbito escolar influencia e muito naquilo em que a criança irá ter como opinião e comportamento, o que nos leva a analisar a forma em como estamos educando nossos alunos.

Existe uma escassez de estudos que procure saber a opinião dos alunos sobre a forma como os professores estão ministrando as aulas, se gostariam de realizar as atividades segregando os gêneros e a visão deles em relação à prática de determinados exercícios para ambos os sexos. Tendo em vista que muitos professores acabam realizando as aulas de forma que separa os meninos das meninas, ou até mesmo selecionando atividades somente para meninos ou meninas, o que vem estimular desigualdades dos gêneros. Assim sendo, faz-se necessário o estudo sobre esta condição, a fim de contribuir com a produção do conhecimento. Portanto, com relação às afirmações supracitadas, escolheu-se como objetivo geral: verificar se os alunos nas aulas de Educação Física realizam as atividades de forma mista ou separada.

2. Metodologia

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo do tipo descritiva, de caráter qualitativo. Quanto à abordagem é de natureza aplicada.

Foi utilizado como instrumento um questionário com os alunos de forma intencional, tendo como amostragem alunos da turma do 5º ano A e 5º B da Escola Básica Municipal Professora Augusta Dutra de Souza, onde ambas as turmas possuem aula com o mesmo professor, escola localizada no município de Brusque- SC. Foram entregues 50 questionários, sendo 28 para os alunos do 5º ano A e 22 para os alunos do 5º ano B, tendo retorno de 20 da primeira turma e 15 da segunda turma, o termo de consentimento foi assinado pelos pais e responsáveis e devolvido aos pesquisadores.

Os dados coletados foram analisados de acordo com o problema da pesquisa, com os objetivos elencados e com a revisão de literatura. Ao se utilizar do método qualitativo, é preciso explicar o porquê das coisas, afirmando o que é importante realizar, e os resultados não são quantificados, ou seja, podem-se validar diferentes abordagens¹³.

3. Resultados e Discussão

Os resultados são apresentados a partir de uma análise quanti-qualitativa da entrevista semiestruturada realizada com os sujeitos deste estudo. Por meio das leituras sobre a teoria estudadas, observa-se que ela tem significativa importância para o meio acadêmico e para formação dos professores. Pode-se constatar que as observações realizadas nas aulas de Educação Física, foram de grande valia para a obtenção dos resultados. Por isso, acredita-se que elas estão e pode estar presente nas aulas de Educação Física, basta o professor ter conhecimento do assunto pesquisado. A seguir, apresentam-se as transcrições das falas dos alunos, de acordo com as questões respondidas e a análise das respostas.

Questão 1- As aulas de Educação Física que vocês realizam são realizadas de forma mista ou separadas? Você gostaria que fossem realizadas de forma diferente? Por quê?

Todos os alunos responderam que as aulas são realizadas tanto de forma mista como separadas, o que vem a confirmar a resposta do professor ao relatar que trabalha de forma mista ou separada, dependendo da atividade proposta.

Observou-se que 70% dos alunos responderam que gostariam que as aulas fossem realizadas de forma diferente e 30% dos disseram que as aulas estão boas da forma que estão sendo aplicadas.

Grande parte dos alunos que tiveram como resposta sim, justificou que as aulas poderiam ser mais divertidas e que poderiam ter atividades diferentes. Já os alunos que deram como resposta o não, esclareceram que assim estava bom e gostam da forma como está.

Os alunos possuem aulas que são ministradas de forma mista, como também de forma separada, pois o professor das duas turmas entrevistadas é o mesmo.

Com relação à segunda parte da pergunta, sobre se gostariam que as aulas fossem realizadas de forma diferente, 75% dos sujeitos responderam que sim, alegando que talvez poderia haver mais atividades, contra 25% dos sujeitos dizendo não, abordando que estão satisfeitos com a forma, cujas aulas são ministradas.

Com base nas respostas, pode-se observar que os alunos sentem a necessidade de atividades diferenciadas e não levam como foco às respostas a questão de estarem trabalhando juntos ou separados por sexo. Analisando as respostas, nota-se a importância de o professor estar planejando suas aulas de acordo com a matriz curricular, trabalhando a cultura corporal de movimento, sempre tendo como objetivo o que é necessário estar estimulando e aprimorando nos alunos de acordo com sua faixa etária. Para isso é importante não apenas trabalhar os esportes, mas também as lutas, a ginástica, a dança, os jogos e a capoeira.

As aulas devem ser pensadas de forma que os alunos sejam estimulados na parte motora, afetiva, cognitiva, emocionais e também sociais, afinal, nada melhor do que ensinar e estimular brincando. É preciso que o professor tenha consciência que na brincadeira as crianças recriam estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e imaginativa [...] (BRASIL, 1998, p. 29).¹⁴

Por isso, todas as aulas devem ser sempre muito bem planejadas. Assim como cita Gallahue e Donnelly "planejar é, portanto, um elemento crucial no sucesso de qualquer programa educacional"¹⁵.

Questão 2- Vocês praticam atividades como dança, luta e ginástica? Se não, você gostaria de praticar? Você acredita que as atividades de dança, ginástica são para meninas e futebol e lutas são para meninos?

Com relação à primeira parte da pergunta, 100% dos sujeitos responderam que não praticam atividades como dança, lutas e ginástica, e 40% dos sujeitos ressaltaram que apenas praticam esportes como futebol e vôlei em suas aulas. Já em relação à segunda pergunta as respostas ficaram divididas, e 50% dos sujeitos disseram que gostariam sim de praticar essas atividades e os outros 50% dos sujeitos abordaram que gostam das aulas somente com os esportes. A última resposta trouxe um dado que consideramos interessante, pois todos os alunos disseram que as atividades podem ser feitas tanto pelos meninos como pelas meninas, e um aluno destacou que ele acha preconceituoso pensar da forma que meninos e meninas não possam praticar determinadas atividades por serem de determinado sexo.

Assim, todos os alunos responderam que não praticam as atividades citadas na primeira parte da pergunta, apenas realizam atividades ligadas ao esporte. Já com relação à segunda parte da pergunta, apenas 25% dos sujeitos responderam que gostariam de realizar diferentes atividades, e os outros 75% dos sujeitos afirmaram que apesar de realizarem atividades apenas ligados ao esporte, acreditam que assim está bom. E na última pergunta 45% dos sujeitos acreditam que existem sim atividades diferentes para meninos e meninas. Os demais, sendo eles 55% dos sujeitos, responderam que eles não veem problemas em realizarem determinadas atividades pelo seu sexo.

Com essas questões pode-se observar que enquanto alguns poucos alunos gostariam de ter diferentes atividades, a maioria parece estar "acomodada" com as aulas ministradas apenas sendo voltadas para os esportes. Como abordado na questão anterior, é importante que o professor saiba planejar suas aulas para que os alunos possam ter diferentes experiências/vivências.

Tendo em vista que, o meio no qual o indivíduo está inserido, pode vir a influenciar em suas escolhas e atitudes. Analisando as respostas obtidas, percebe-se que esses alunos que responderam ao questionário, vivem em um ambiente familiar que não interfere em suas escolhas ou ainda pode-se levantar uma hipótese que a família desconhece o gosto por determinada prática.

Para Moraes, "as pessoas nascem machos ou fêmeas e aprendem com o meio social no qual estão inseridos, tornando-se assim meninos e meninas". Tendo em vista que a formação social do gênero não é biológica, e sim histórica, ela pode vir a ser modificada. Ainda para a autora, ninguém é 100% masculino ou feminino, permitindo, assim, compreender o gênero como parte de uma construção da identidade de cada indivíduo¹⁶.

Questão 3-Você acredita que sua família pensa da mesma forma em relação a essas atividades? Você deixaria de realizar alguma atividade por conta da sua família?

Todos os sujeitos 100% responderam que sim, seus pais pensam da mesma forma que eles com relação às atividades praticadas. Com relação à segunda parte da pergunta, 90% dos sujeitos deram como resposta que não deixariam de realizar determinada atividade por conta da opinião de seus familiares. Porém, 10% dos sujeitos, destacaram que não faria a prática de determinada atividade caso estivesse com problemas de saúde e os pais aconselhassem a não realizá-la. Já o outro aluno, abordou que mesmo que a família não gostasse de determinada prática, ele acredita que mesmo assim teria apoio.

Nas respostas dos sujeitos 20% responderam que seus pais não pensam da mesma forma, e os demais alunos relataram que seus familiares pensam semelhante a eles. Com relação à segunda parte da pergunta, 45% dos sujeitos abordaram que sim, não realizariam uma atividade se seus pais ou familiares pedissem para não realizar a prática, enquanto os 35% dos sujeitos responderam que isso não iria interferir em suas escolhas pelas atividades.

Ao analisar os resultados obtidos dessa questão, nota-se que uma opinião dividida pelos pais com relação às atividades escolhidas ou realizadas pelos seus filhos. Tendo em vista que o grande incentivo recebido pelas crianças é na grande maioria dentro de sua própria casa, o que poderá vir a interferir em suas futuras escolhas. Feitosa e Romero abordam que o ser humano recebe tratamento diferente desde as primeiras fases de gestação tanto pela forma de comunicação quanto pela espera que os pais têm para descobrir o sexo da criança¹⁷.

O senso comum espera que meninos sejam ativos, fortes, corajosos e dominantes. Já as

meninas são dóceis, meigas e frágeis, o que pode ser uma das explicações para esses alunos que acreditam que seus familiares não pensem da mesma forma que eles, ou seja, não acreditam que a prática de determinada modalidade de esporte seja para ambos o sexo¹⁷. Talvez por pensarem da forma que as autoras citam, meninas devem ser mais dóceis, delicadas e frágeis, já os meninos fortes, corajosos e dominantes, tendo um pensamento de que o esporte por eles praticado pode vir influenciar em seu comportamento e em sua personalidade.

Já os familiares que aceitam e apoiam que os filhos queiram praticar qualquer atividade, vão contra os estereótipos criados pela sociedade, em que meninos e meninas não possam praticar determinadas atividades. Kuhlmann Jr. e Fernandes destacam que é preciso ter em mente que as crianças sempre estiveram inseridas em uma formação social determinada. Seu significado é dado por meio da representação que o adulto passa a criança em suas relações¹⁸. Ou seja, essas crianças que têm o apoio de seus familiares, tendem a se tornarem adultos não frustrados, pois sempre encontrarão apoio nas atividades/vontades na qual se identificam e gostam.

A Educação Física escolar passou por diversas mudanças ao longo das últimas décadas. No passado, suas aulas eram voltadas com o intuito de ressaltar questões como a anatomia, fisiologia, esportes e ginástica, ou seja, eles valorizavam a prática pela prática. Já no século XIX, as aulas tinham como foco para as meninas ensinamentos para serem futuras donas de casa, bordadeiras, cozinheiras e boas mães. Já para os meninos, o objetivo era que desde cedo eles aprendessem os valores masculinos¹⁷.

Atualmente, as aulas de Educação Física têm como objetivo diversas vivências, essas que auxiliem no desenvolvimento dos educandos, não tendo como foco uma aula esportista ou que separe o aluno por etnia, sexo e religião, mas sim uma aula na qual os alunos não vejam diferenças entre si, diferenças essas de habilidades socioeconômica, cognitiva, afetiva e social⁸.

O professor ao realizar sua aula separando os sexos ou selecionando determinadas práticas somente para meninos ou meninas vem colaborar para uma maior desigualdade de gênero. Muitas pesquisas demonstram que a escola possui mecanismos muitas vezes despercebidos que acabam contribuindo para a diferenciação dos sexos.

O ambiente escolar é parte importante no processo de sexismo da criança. Suas pesquisas apontam o modo como as instituições escolares e suas atividades ensinam determinados conceitos, fazendo assim que condutas e comportamentos, diferenciados pelo sexo, sejam compreendidos, tornando-se quase "naturais". "Tal 'naturalidade' tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas"¹¹.

Os valores estereotipados a respeito dos gêneros são contribuídos por meio de perspectivas diferenciadas sobre os meninos e meninas no âmbito escolar. Assim, os professores geralmente imaginam que os meninos sejam os responsáveis por bagunçar, agindo de forma irrequieta, ao contrário das meninas, que são tidas como passivas e obedientes¹⁹.

Mecanismos ocultos muitas vezes podem vir da própria forma que o professor aplica sua aula, como também, os próprios materiais utilizados pelas crianças. É notável a diferenciação com evidência ao observar especificamente os brinquedos, afirmando que existem brinquedos "neutros", considerados "certos" tanto para meninas quanto para meninos. Em geral, esses brinquedos são compostos de materiais não estruturados, como instrumentos musicais, jogo da construção, quebra-cabeça e mosaico. Mas quando se trata de brinquedos formados por componentes identificáveis e estruturados, se torna bem clara a distinção²⁰.

Para as meninas encontra-se grande variedade de objetos miniaturizados que reproduzem utensílios domésticos, carrinhos de bebês, funções de banheiro e suas dependências, inteira mobília de cozinhas e eletrodomésticos, assim como todos os cômodos típicos de uma casa.

Já para os meninos os brinquedos divergem completamente: meios de transporte terrestre, navais e aéreos de todas as dimensões e de todos os tipos: navios de guerra, porta-aviões, mísseis nucleares, naves espaciais, arma de todo o tipo, desde a pistola de Cow-boy perfeitamente imitada até alguns sinistros fuzis metralhadores que diferem dos verdadeiros apenas pela menor periculosidade, espadas, cimitarras, arcos e flechas, canhões: um verdadeiro arsenal militar²⁰.

Somente após o terceiro ano de vida, o ano de ingresso em muitas escolas e creches, que a criança é capaz de fazer a diferenciação de gênero e a interação social lúdica, a partir dessa idade, pode raciocinar as dessemelhanças sexuais observadas. Assim, até os três primeiros anos de idade as crianças ainda não fazem a distinção dos sexos, ou seja, ela não consegue diferenciar os atos realizados, sendo eles destinados para meninos ou meninas na visão de determinados estereótipos².

Em um estudo realizado com crianças, percebeu-se que a separação de gênero se altera lentamente dos dezoito meses aos três anos de idade, a partir daí grande parte passa uma boa quantidade do seu tempo com pares do mesmo gênero. Mas, é cerca dos quatro anos que a preferência se torna notoriamente aparente²¹.

O professor não deve intervir na iniciativa da criança ao brincar, na escolha do gênero para acompanhar na brincadeira e qual brinquedo quer utilizar. A escola com o professor tem um importante papel na formação integral do aluno, podendo influenciar nas ações e na formação dele e a escola e o professor têm como objetivo fundamental a formação humana integral²².

4. Considerações finais

A escola tem grande papel na formação do aluno, pois é o meio onde passa grande parte do seu tempo em contato com diversas etnias e culturas diferentes.

O professor de Educação Física precisa analisar observar se em sua prática pedagógica acaba estimulando a desigualdade de gêneros. Ao realizar uma aula de forma que separe os sexos, ele já está impondo que meninos possuem diferenças perante as meninas, sejam elas motoras, físicas ou psicológicas.

Separar determinadas atividades somente para meninos ou meninas pode acarretar em diversas consequências. Ao colocar, por exemplo, meninas jogarem vôlei e meninos futebol cria-se uma visão de que meninas não praticam o esporte futebol, e meninos não devem preferir o vôlei em vez de futebol, o que vem reforçar os estereótipos criados pelo senso comum na sociedade fazendo com que se desenvolvam acreditando que há determinada prática ou comportamento para determinado sexo.

O âmbito escolar precisa possibilitar diversas vivências aos alunos, e em específico as aulas de Educação Física. Para isso, é necessário haver um bom planejamento das aulas, levando sempre em consideração a faixa etária dos alunos, o meio em que ele está inserido e a realidade que ele enfrenta fora da escola.

De forma geral, pode-se dizer que os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados. Os alunos vêm sendo estimulados e orientados de forma que respeitem os diferentes gêneros, e uma visão de que meninos e meninas precisam ser tratados de forma igual.

Como sugestão para futuras pesquisas, indica-se aprofundamentos nas questões relacionadas ao gênero e à sua construção, sendo necessário haver conhecimento desse assunto tanto pelos profissionais como para a comunidade escolar na qual o aluno está inserido. E para se obter uma maior constatação de resultados, aplicar uma pesquisa com um número maior de sujeitos e encontrar talvez novos resultados que subsidiem os profissionais e familiares e, assim, buscar a formação integral dos educandos.

5. Referências Bibliográficas

1. BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. Unicamp: Cadernos Pagu, 2006.
2. HARAWAY, D. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp, 2004.

3. SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 1995.
4. SIMÕES, R. D. Gênero, educação e educação física: um olhar sobre a produção teórica brasileira. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29., 2006, Caxambu. Anais: Caxambu: ANPED, 2006. p. 26-38.
5. LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
6. DAOLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus, 1995.
7. DAOLIO, J. Cultura: educação física e futebol. Campinas: Unicamp, 1997.
8. KUNZ, M. do C. S. Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física. 1993. 180 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.
9. BERALDO, K. E. A. Percepção de crianças de 5 a 10 anos em relação a diferenças de gênero de brincadeiras. 1993. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
10. WHITAKER, D. Mulher & homem: o mito da desigualdade. São Paulo: Moderna, 1995.
11. LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
12. GALLARDO, Gómez; VALENZUELA, Malu. Uma alternativa de equidade de gênero na pré-escola. In: FARIA, N. et al. (Orgs.). Cadernos Sempre viva Organização Feminista - SOF, gênero e educação. São Paulo: SOF, 1999. p. 40-54.
13. GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. São Paulo: Phorte, 2009.
14. BRASIL. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília: MÊS;SEF, 1998.v. 3.
15. GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. Educação física desenvolvimentista para todas as crianças. 4.ed. São Paulo: Phorte, 2008.
16. MORAES, E. L. Relação gênero e raça na política pública de qualificação social e profissional. Brasília: MTE/SPPE, 2005. v. 1.
17. FEITOSA, J. G.; ROMERO, E. A expressão do corpo pela conduta motora oral: uma questão de gênero. Arquivos em Movimento. Rio de Janeiro. 2005, 1(2): 5-18, jul./dez.
18. KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L.M.(Org.). A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.15-33.
19. KNIJNIK, J. D. Femininos e masculinos no futebol brasileiro. 2006. 475 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
20. BELOTTI, E. G. Educar para a submissão. Petrópolis: Vozes, 1975.
21. FARGOT, B.; LEINBACH, M. Gender-role development in young children: from discrimination to labeling. Developmental Review. 1993, 13(2): 205-224,.
22. SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica. Florianópolis: IOESC, 2014. Disponível: <www.propostacurricular.sed.sc.gov.br>. Acesso em: 31 mar. 2016.

Artigo Recebido: 18.01.2017

Aprovado para publicação: xx.xx.20xx

Autor correspondente:

Altair Argentino Pereira Júnior

Centro Universitário de Brusque - Rua Dorval Luz, 123 - Santa Terezinha

88352-400 - Brusque, SC - Brasil

Email: altjunior@unifebe.edu.br
